



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co](mailto:revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
Colombia

Tipo de documento: Artículo de reflexión

2016  
Nilda Martins Sirelli  
**SUJEITO E OUTRO: A VIA DO DESEJO**  
Revista Affectio Societatis, Vol. 13, N.º 25, julio-diciembre de 2016  
Art. # 7 (pp. 145-169)  
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

# SUJEITO E OUTRO: A VIA DO DESEJO

Nilda Martins Sirelli<sup>1</sup>

Universidade Severino Sombra, Brasil.

[nildasirelli@yahoo.com.br](mailto:nildasirelli@yahoo.com.br)

## Resumo

O sujeito, tal como é abordado pela psicanálise, não é da ordem do natural; ele é efeito de linguagem, marcado pelo significante. É pelo desejo do Outro, faltoso por excelência, que o sujeito pode advir, e na tentativa de responder ao enigma do desejo que o constitui, erigi uma fantasia donde atualiza seus enlaces e desenlaces

com o objeto que lhe causa desejo, e, pela qual fixa uma posição de objeto em que comparece frente ao Outro, que é constantemente atualizada. Para tal, nos valeremos do grafo do desejo, proposto por Lacan.

**Palavras-chave:** Sujeito. Outro. Grafo do desejo.

# SUJETO Y EL OTRO: EL CAMINO DEL DESEO

## Resumen

El sujeto, como se comenta por el psicoanálisis, no es del orden natural; se trata de un efecto del lenguaje, marcado por significante. Es el deseo del Otro, ilícito por excelencia, el sujeto puede venir, y en un intento de responder al deseo del rompecabezas que es, erigir una fantasía donde actualiza sus enlaces y resultados con

el objeto que causa que usted desea, y por qué se ha solucionado un posición de objeto que aparece hacia el Otro, que se actualiza constantemente. Por eso, en el gráfico valeremos Wish, propuesto por Lacan.

**Palabras clave:** Sujeto. Otros. Gráfico del deseo.

---

1 Psicanalista, doutora em Memória Social pela UNIRIO, professora da Pós-Graduação em Teoria e Clínica Psicanalítica da Universidade Severino Sombra/RJ, e dos cursos de Psicologia da Faculdade Salesiana e da Universidade Estácio de Sá - Macaé. CEP: 22250-040.

## SUBJECT AND OTHER: THE PATH OF DESIRE

### Abstract

The subject, as discussed by psychoanalysis, is not of the natural order; it is an effect of language, marked by significant. It is the desire of the Other, wrongful par excellence, the subject may come, and in an attempt to respond to the desire of the puzzle that is, erect a fantasy where updates its links and outcomes with the object

that causes you desire, and why fixed an object position that appears towards the Other, which is constantly updated. For that, in valeremos Wish graph, proposed by Lacan.

**Keywords:** Subject. Other. Graph of desire.

## SUJET ET AUTRE : LE CHEMIN DU DÉSIR

### Résumé

Le sujet, comme on le verra par la psychanalyse, ne est pas de l'ordre naturel; ce est un effet de la langue, marqué par significative. Ce est le désir de l'Autre, illicite par excellence, le sujet peut venir, et dans une tentative de répondre à la volonté du puzzle qui est, ériger un imaginaire où met à jour ses liens et des résultats avec

l'objet qui provoque vous désirez, et pourquoi Correction d' une position de l'objet qui apparaît vers l'Autre, qui est constamment mis à jour. Pour cela, dans le graphique valeremos de souhaits, proposé par Lacan.

**Mots-clés:** Sujet. Autre. Graphe du désir.

Recibido: 20/12/15 • Aprobado: 16/02/16

O saber e a prática analítica não se direcionam a uma pessoa ou a um indivíduo na suposta unidade, continuidade e singularidade que esses conceitos implicam. A psicanálise aborda o que designamos sujeito, ou seja, o humano como sujeito –ou assujeitado– ao inconsciente, ao Outro. Um sujeito subvertido e dividido pela linguagem e pela parcialidade da pulsão, que Lacan tenta resgatar em seu ensino para que a clínica psicanalítica siga a direção que foi dada por seu fundador, Freud: a direção do inconsciente.

No texto “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1989,1950[1895]), Freud afere uma primeira experiência de satisfação como fundadora do aparelho psíquico. Experiência essa que o bebê humano, lançado no desamparo pela sua prematuridade motora e simbólica, faz no encontro com o outro<sup>2</sup>, do qual depende não somente a satisfação de suas necessidades, mas também a sua entrada no discurso, o que Freud (1989,1950[1895]) indica ao dizer que, além da necessidade, há “a importantíssima função secundária da comunicação” (p. 370).

É essencial a figura do outro auxiliador, já que, diante de um estímulo interno, é impossível ao bebê alguma ação que o aplaque. De acordo com Freud (1989,1950[1895]), “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa *ação específica*. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente se volta para um estado infantil” (grifos do autor) (p. 370). É do encontro com o outro que advirão as primeiras experiências de satisfação do bebê, que inauguram as inscrições psíquicas e a memória inconsciente.

A partir desse momento, a própria necessidade passa por um novo percurso, numa tentativa de retorno do objeto que produziu a primeira satisfação, como modo de voltar a atingi-la, promovendo, assim, uma alucinação do objeto. É importante destacar que essa primeira experiência de satisfação é um construto lógico, mítico, um pos-

---

2 O termo “outro”, quando referido ao texto freudiano, destina-se a significar aqueles que primeiro se ocupam dos cuidados com o bebê, lugar geralmente, mas não necessariamente, encarnado pela mãe.

tulado necessário a Freud para pensar a constituição do objeto como faltante e sua consequente busca da parte do sujeito. Nesse sentido, Freud situa no semelhante a primeira apreensão da realidade pelo sujeito, o primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar. Esse é o “complexo do próximo”, sendo por meio de seus semelhantes que o humano pode reconhecer-se. Ele se divide em dois componentes, um que se inscreve como traço de memória e outro que permanece inassimilável como “Coisa” (Freud, 1989,1950[1895], p. 384), das Ding<sup>3</sup>.

Aqui, já se instaura uma primeira divisão do aparelho psíquico. De um lado, temos o que foi representado, ou seja, o que do outro se inscreveu via significante no inconsciente; e o que se perdeu, o que resta inassimilável à estrutura e que, no entanto, coloca em movimento o aparelho. Lacan (1998/1959-1960) destaca que esse inassimilável, ponto não apreendido do Outro se constitui como vazio em torno do qual giram as representações psíquicas, à procura de um reencontro do objeto original, perdido por excelência. A busca do objeto se refere também a uma tentativa de reencontro da satisfação perdida, de uma suposta completude. De acordo com o autor:

É claro que o que se trata de reencontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. [...] O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer (Lacan, 1998/1959-1960, p. 69).

---

3 No seminário *A ética da psicanálise* (Lacan, 1998/1959-1960), Lacan diferencia *sache* e *das Ding*, duas palavras em alemão que designam “coisa”. Esclarece que “*sache* é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem” (Lacan, 1998/1959-1960, p. 61), referida ao simbólico, enquanto *das Ding* é o “primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito” (Lacan, 1998/1959-1960, p. 69), é núcleo real, não-simbolizável, em torno do qual a cadeia significante se estrutura. Com isso, destaca que “a Coisa” freudiana é *das Ding*, objeto perdido, pivô da estrutura, do qual se trata de reencontrar.

Trata-se, portanto, de um exterior ao significante em torno do qual essa dimensão se organiza e se move. Mas tal objeto nunca foi de fato possuído pelo sujeito, já que a própria inscrição significante barra o encontro com o objeto. O que se tem é sempre a representação deste, um reinvestimento em sua imagem mnêmica, o que implica um ponto de inassimilável, não resgatável pelo sujeito.

Freud (1989,1950[1895]) aponta a importância do outro como única possibilidade de sobrevivência do recém-nascido e como aquele que promove a inscrição desse último na cultura. Lacan (1999/1957-1958) enfatiza que, para além dessas dimensões, o outro é fundamental para que o sujeito se constitua, ressaltando esse outro em sua dimensão imaginária e simbólica.

Lacan (1998/1949), no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, assim como Freud, demarca que o recém-nascido tem seu organismo marcado pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora nos meses neonatais, aferindo que ele se experimenta como um corpo despedaçado, sem significação, dividido, de modo que as supostas unidade e identidade corporais precisam ser alcançadas, o que só é possível na relação com o Outro<sup>4</sup>. Nesse momento de primazia do imaginário, destaca-se o outro como semelhante, como igual, donde, como salientado por Freud (1989,1950[1895]), o sujeito pode reconhecer-se.

É interessante notar que, embora o recém-nascido seja marcado pela prematuridade neuronal e motora, desde muito cedo e diferentemente de outros animais, ele consegue reconhecer sua imagem no espelho. Lacan (1998/1949) esclarece que esse fato tem como função básica a construção da unidade corporal e do eu.

---

4 Designado grande Outro, escrito com *O* maiúsculo, em detrimento do pequeno outro, outro semelhante, indicado com *o* minúsculo. Esse é também indicado por *A* maiúsculo, para preservar sua escrita em francês, *Autre*. Já no seminário sobre *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (Lacan, 1992/1954-1955), encontramos esta distinção: “há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – um outro com *A* maiúsculo e um outro com *a* minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala” (p. 297).

O estádio do espelho dá-se em três tempos. Inicialmente, posicionada diante do espelho, a criança percebe a imagem do seu corpo como uma realidade, como um outro exterior a ela, não havendo uma distinção clara entre ela e o outro. Em seguida, a criança descobre que o outro do espelho não é uma realidade, mas uma imagem. Por fim, a criança, com júbilo, reconhece e assume essa imagem refletida como sendo a dela, o que só é possível se há um Outro que a aponte e a autentique. Nessa situação, a criança se volta para o adulto “como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem; ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem” (Lacan, 2005/1962-1963, p. 41). De forma que o Outro, com sua autenticação simbólica, é quem coloca o corpo da criança em destaque e o submete a si.

Freud (1989/1914) esclarece que o ideal do eu dos pais é projetado sobre a criança, de modo que esta é concebida por eles como “sua majestade o bebê”, ou seja, como dotada de atributos que são da ordem de uma suposição –como conjecturar uma palavra, um endereçamento no que é um simples som, uma intenção em um movimento desordenado do corpo–, que vem antecipar as aquisições da criança. Tal imagem construída e apontada pelos pais, ou por aqueles que estão nesse lugar, é constitutiva, vindo se superpor ao corpo ainda fragmentado do bebê, possibilitando sua unificação e o surgimento do eu. Ao reconhecer sua imagem no espelho, a criança antecipa imaginariamente a forma total de seu corpo e se identifica com ela. Por meio dessa identificação, ocorre uma assunção da unidade do corpo, até então indiferenciado do mundo externo e vivido como fragmentado. Concomitantemente, o corpo em sua unidade torna-se objeto de investimento libidinal, de modo que, pela imagem especular, o eu emerge cindido entre eu real e eu ideal.

O eu ideal corresponde “à perfeição narcísica vivida pelo eu real na infância” (Fernandes, 2000, p. 86), à perfeição e a todos os demais atributos projetados pelos pais sobre o bebê. Constitui-se, por conseguinte, por intermédio da imagem especular, da imagem do outro projetada sobre a criança. Não depende necessariamente de um espelho concreto, mas da imagem de um semelhante, já que, ao tomar a imagem de um outro como a própria, a criança se identifica, construindo

para si alguma consistência imaginária. O eu ideal é o outro especular do eu real e funciona como ponto de apoio às demais identificações. Ao identificar-se como eu ideal, a criança identifica-se com um duplo de si mesma, com uma imagem que não é ela própria, mas que lhe permite reconhecer-se. De modo que “aqui se insere a ambiguidade de um desconhecer essencial ao conhecer-me” (Lacan, 1998/1960, p. 823), pois o que vem ao encontro do sujeito é a sua imagem antecipada no espelho, seu outro imaginário, um duplo fora dele.

O eu, como construção imaginária, mascara sua duplicidade, aparentando à consciência uma existência e unidade, que não passam de miragem. Ele só se faz numa exterioridade com relação ao outro, o “que refigura sua destinação alienante” (Lacan, 1998/1949, p. 98). Todavia, o eu, para além dessa miragem cativante, que é a imagem do corpo próprio no espelho, é definido em função da relação simbólica, no que o sujeito encontra não só a imagem do outro semelhante, mas a “matriz simbólica” (Lacan, 1998/1949, p. 97) que o circunda, encarnada pelo semelhante que ganha, para o sujeito, o estatuto de Outro.

Porém, esse Outro que olha para a criança e a nomeia, indicando-lhe um lugar, também olha para uma outra direção, remetendo a um ausente e ao enigma do desejo do Outro, o que é evidenciado no momento lógico do complexo de Édipo. Todavia, antes de nos determos no complexo de Édipo, utilizaremos o grafo do desejo construído por Lacan nos seminários *As formações do inconsciente* (Lacan, 1999/1957-1958) e *O desejo e sua interpretação* (Lacan, 2002/1958-1959) e no texto dos *Escritos*, “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (Lacan, 1998/1960), como instrumento para abordar a constituição do sujeito a partir da relação do “ser vivente”<sup>5</sup> com o Outro. Nesse grafo, Lacan dispõe em patamares a estrutura dos dados da experiência, situando o desejo com relação a um sujeito definido por sua articulação com o significante.

---

5 O termo “ser vivente” é utilizado para designar o recém-nascido em um momento lógico, mítico, anterior à inoculação significante, tempo anterior à constituição do sujeito, em que há apenas o ser, situado no campo do vivo, e não no campo do Outro, razão pela qual este é também designado “organismo vivo”.

Primeiramente, Lacan (1999/1957-1958) aborda a relação da cadeia significante com a cadeia de significados, que consiste em um deslizamento incessante do significante sobre o significado, que só pode ser interrompido por um ponto de basta, no qual significante e significado vêm se atar, produzindo, assim, a significação. Ele retira da técnica do estofador a imagem do ponto de estofamento ou capitoné, que consiste no ponto em que é feita uma tessitura, de modo a prender os tecidos utilizados no estofamento, dando um basta ao deslizamento constante de um sobre o outro, metáfora utilizada por Lacan para esclarecer o que se dá no discurso.

Ao considerar a função sincrônica da frase, Lacan (1999/1957-1958) observa que ela só tem sentido no tempo; sua significação só se fecha retroativamente após seu último termo, após a pontuação, quando um significante, retroativamente, dá sentido aos outros. Daí, decorre que aquele que fala não sabe o que diz, sendo cada termo antecipado na construção dos demais, de forma que a cadeia significante se desenrola para além da consciência do que tenciona dizer.

Para esclarecer esse funcionamento, reproduzimos a seguir o grafo<sup>6</sup> apresentado por Lacan no seminário *As formações do inconsciente*:



(Lacan, 1999/1957-1958, p. 17).

---

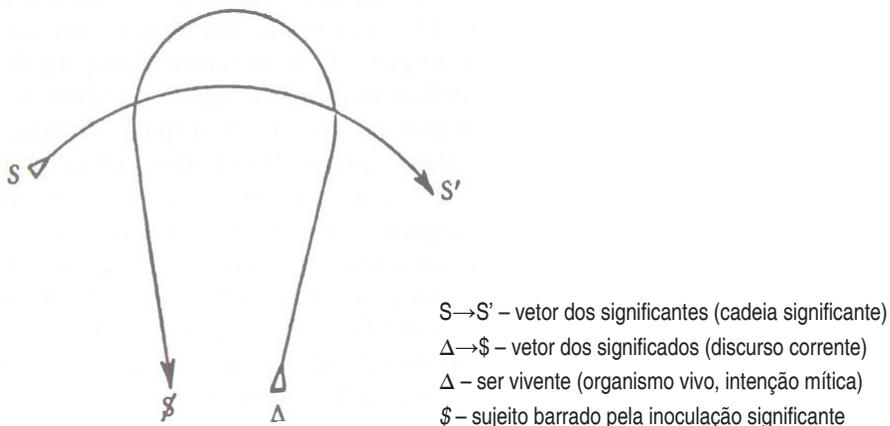
6 Reproduzimos no decorrer do texto cinco diferentes grafos, que buscam acompanhar a construção topológica do “grafo do desejo” –modo como ficou conhecido. Todos são apresentados por Lacan em diferentes textos, que serão indicados; porém, a ordem em que foram disponibilizados, no presente trabalho, foi por nós estabelecida.

Essa é a célula elementar, elemento de base constitutivo do grafo. O registro do *a posteriori* é presentificado pelo sentido retrógrado do vetor ( $\cap$ ) dos significados, que segue da direita para a esquerda, enquanto a linha que o atravessa se refere à cadeia significante, com seus efeitos de metáfora e metonímia.

A linha dos significados refere-se ao discurso corrente, no qual já está integrado certo número de pontos de referência e de coisas fixas. No mencionado seminário, referindo-se aos dois vetores, Lacan (1999/1957-1958) ressalta:

A linha do discurso corrente, tal como é admitido no código do discurso [...], é o nível em que se produz o mínimo de criações de sentido, uma vez que nele o sentido já está como que dado. [...] Esse discurso consiste apenas numa mistura refinada dos ideais comumente aceitos. [...] É o discurso que se pode gravar num disco, ao passo que a primeira [linha dos significantes] é tudo que isso inclui de possibilidades de decomposição, de reinterpretação, de ressonância e de efeitos metafóricos e metonímicos. Uma vai no sentido inverso da outra, pela simples razão que uma desliza sobre a outra (p. 19).

Lacan parte do grafo citado para articular significante e sujeito, o que é evidenciado no grafo a seguir, presente nos *Escritos*:



(Lacan, 1998/1960, p. 819).

Lacan (1999/1957-1958) localiza o sujeito no vetor do significado. Porém, ele só se constitui no encontro com a cadeia significante. A cadeia significante (vetor  $S \rightarrow S'$ ) é interpelada pelo ser vivente ( $\Delta$ ), que sofre uma subversão de natureza, transfigurando o que é do plano da necessidade, do instinto, em desejo e pulsão, advindo daí um sujeito.

Como pontua Zizek (1992), no ponto de basta, o sujeito é costurado ao significante, sendo esse o ponto de subjetivação da cadeia. Os significantes estão em estado flutuante, com uma significação ainda não fixada, de modo que vão se sucedendo até o ponto em que a intenção mítica cruza a cadeia significante, processo contingente de produção retroativa de significação, que detém o deslizamento, ressignificando aquela que seria uma simples intenção mítica que parte de  $\Delta$ . Pelo efeito de retroversão, o sujeito advém percebido como aquele que sempre existiu, que estava ali desde o começo.

Parte, assim, do ser vivente, indicado por  $\Delta$ , um grito ou um balbúcio que, fazendo sua aparição num mundo mediado pela linguagem, é interpretado como uma demanda, ou seja, um pedido endereçado ao Outro. O sentido dado pelo Outro retorna ao sujeito, ressignificando o que partiu dele como simples som e evidenciando a dimensão do *a posteriori*.

É relevante notar que há um universo cultural e simbólico que antecede aquele que é trazido à vida. Porém, para que a criança se aproprie desse universo, é necessário que um outro semelhante, a mãe ou aquele que ocupa esse lugar e função, encarne o campo da linguagem para a criança, dando-lhe voz, para que possa se fazer ouvir. Essa voz confere um nome e diversos adjetivos que servem de referenciamento para a criança e que, mais do que palavras, vêm indicar o seu lugar no desejo do Outro.

Esse Outro ganha um novo estatuto, não mais como outro semelhante, do qual sobressai a imagem, mas como Outro da linguagem, que porta um saber e uma verdade. A passagem do jogo especular ao significante exige o lugar do Outro, que não é o semelhante, mas o Outro da linguagem. De acordo com Lacan (1998/1960), “o signifi-

cante exige um outro lugar – o lugar do Outro, o Outro-testemunha, o testemunho Outro que não qualquer de seus parceiros – para que a fala que ele sustenta possa mentir, isto é, colocar-se como Verdade” (p. 822). Isso porque o sujeito falante está para além da imagem ou, pura e simplesmente, da palavra.

Conforme Lacan (1999/1957-1958):

Quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, também como sujeito que vocês analisam (p. 186).

Há, portanto, um Outro exterior ao sujeito, que tece sua história muito antes que ele mesmo possa se apropriar da língua e que diz a esse que nasce sem identidade qual o seu nome e seu lugar, conferindo-lhe diversos significantes que funcionarão como referência para a sua constituição subjetiva.

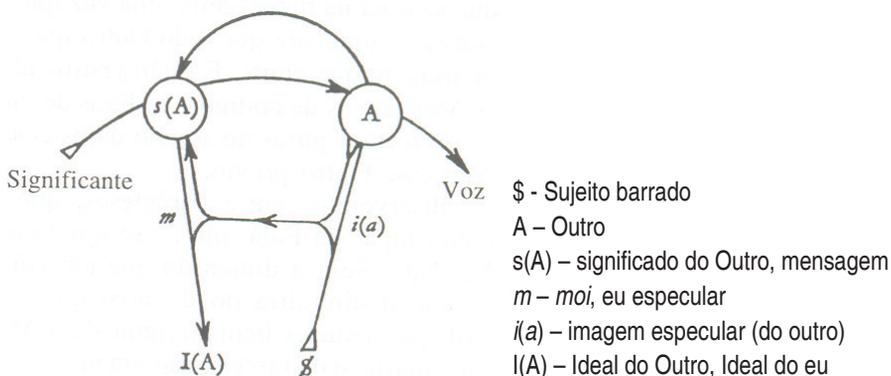
Nesse sentido, cabe destacar que os significantes não são apenas palavras. Eles portam uma dimensão material enquanto marca psíquica. Lacan extrai o conceito de significante do linguista Saussure (2004), que o define como um representante gráfico, ou uma imagem acústica. O significante implica, por conseguinte, a dimensão sonora, sem se resumir a ela, já que está em jogo a imagem, a representação gráfica, a inscrição que aquele som produz.

Lacan (1999/1957-1958), introduzindo a dimensão do sujeito, não nos fala de um representante gráfico, mas de um representante psíquico. Traço que, inscrito no inconsciente, não porta sentido algum, podendo se atrelar aos mais diversos significados. Elucida que “um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (Lacan, 1998/1964, p. 197), de forma que o significante está sempre em cadeia, relançado a um outro. Relançamento que tenta circunscrever, representar algo do sujeito. Entretanto, o sujeito, em sua evanescência, não pode ser capturado, mesmo com o desdobramento infinito da cadeia.

Daí, depreende-se que um significante só se constitui na diferença, em oposição a um outro, tal como “dia” só faz sentido em oposição à “noite” (Lacan, 1999/1955-1956, p. 192), só produzindo, portanto, alguma significação na cadeia, em elo com os demais significantes dispostos na série. O sujeito é, então, representado por um significante a outro, sendo, conseqüentemente, o que da cadeia de significantes se depreende em constante deslocamento.

É importante ressaltar que, se, em um primeiro momento, Lacan (1999/1955-1956) se refere ao Outro como “Outro absoluto” (p. 286), “tesouro dos significantes”, “companheiro de linguagem”, “código” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 17), como aquele que porta um saber e uma verdade em si, no seminário *As formações do inconsciente* (Lacan, 1999/1957-1958), ele subverte isso ao indicar que há no Outro uma ausência, uma hiância, apontando um para além do significante e extraindo daí conseqüências, o que será posteriormente abordado.

Salientamos, então, que, no encontro do ser vivente com a cadeia significante, este é subvertido em sujeito. Sujeito que, inoculado pelo significante, toma o Outro como referencial, de modo que já não há mais ser vivente ( $\Delta$ ), mas um sujeito (\$) de onde parte a demanda. Isso é evidenciado no grafo seguinte, reproduzido dos *Escritos*:



(Lacan, 1998/1960, p. 822).

Nesse grafo, as duas linhas que se interceptam designam algo que é puramente significante. Trata-se, aqui, de duas funções apreensíveis numa sequência significante: uma se refere ao Outro e a outra ao sujeito. O primeiro ponto “é o lugar do tesouro dos significantes” (Lacan, 1998/1960, p. 820), lugar do Outro, A. O segundo ponto, demarcado por  $s(A)$  – significado do Outro, ou M, mensagem – conota a pontuação, onde a significação é produzida, levando a significar uma frase, retroativamente, desde sua origem, fechando, assim, o circuito. Enquanto A é um lugar (o lugar da linguagem),  $s(A)$  é uma escansão, um corte no discurso, que produz uma determinada significação, já que “é preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro, para que saibamos a que nos atermos” (Lacan, 1999/1957-1958, p.15).

Essa última sequência se refere ao sujeito, uma vez que ele é constituído pelo significante. Ele se desloca na cadeia de significantes que vem do Outro; todavia, não se trata de quaisquer palavras que estejam no código, e, sim, daquelas que marcam o sujeito e, logo, se instituem como significantes para ele. Assim, essa sequência diz não só da palavra inscrita no código, mas do modo como o sujeito pode costurar a ela uma significação, ou seja, da forma como a entonação, a expressão, dentre outras sutilidades que podem funcionar como pontuação, foram capturadas por determinado sujeito como o que ressignifica o que poderia vir a ser apenas código. Trata-se dos significantes que servem de mensagem para o sujeito. Mensagem de quê? Mensagem, pistas do desejo do Outro. Significados que o sujeito atribui a esse desejo –que aparece via significante– e a partir dos quais constrói seu ideal.

Como já exposto, nesse grafo o sujeito barrado é transposto da extremidade do vetor (ver grafo da página 22) para a sua partida. Isso porque, após o encontro com o Outro, já não há mais um ser vivente, um organismo vivo, uma intenção mítica, como antes o  $\Delta$  vinha indicar, mas há um sujeito barrado pelo significante, em seu gozo e em sua significação. Agora, é desse sujeito que parte o discurso, ainda que um discurso formulado a partir dos significantes emitidos pelo Outro. Para Lacan (2002/1958-1959):

É na medida em que a criança se dirige a um sujeito que ela sabe falante, que ela viu falando, que a penetrou de relações desde o princípio de seu despertar para a luz do dia; é na medida em que há alguma coisa que joga como jogo do significante, como moinho de palavras, que o sujeito tem que apreender muito cedo que está aí uma via, um desfiladeiro por onde devem essencialmente inclinar-se as manifestações de suas necessidades para serem satisfeitas (p. 23).

A necessidade, ao entrar na dimensão da linguagem, é profundamente modificada em sua ênfase. Ela é subvertida, tornada ambígua, o que resulta que, de sua passagem pelas malhas significantes, advém o desejo. Ao se inscrever numa cadeia significante infinita, a necessidade tem que se fazer demanda, que, como tal, é endereçada ao Outro. Daí, resulta que toda satisfação passa pelo Outro, para além daquele que demanda.

“Que é a demanda? É aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 91). Ou seja, a necessidade, ao se traduzir em significantes, é suspensa, o que se pede e o que é possível de se obter estão sempre aquém da satisfação, de modo que: “O homem [...] está fadado, em razão da captação de seu desejo pelo mecanismo da linguagem, a essa aproximação infinita e nunca satisfeita, ligada ao próprio mecanismo do desejo, que chamaremos simplesmente de discursividade” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 127).

Lacan, assinala, dessa forma, a grande novidade freudiana: o desejo, que deveria passar, se ausentar, uma vez satisfeito, deixa não apenas vestígios, mas um circuito insistente. Em suas palavras:

Quão disfarçada é essa novidade, que aparece não simplesmente na resposta à demanda, mas na própria demanda verbal, esse algo original que complexifica e transforma a necessidade, que a coloca no plano do que a partir daí chamaremos desejo! O que é o desejo? O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade –necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo que ela pode introduzir aqui de perturbações (Lacan, 1999/1957-1958, p. 96).

O desejo porta um traço indestrutível, sendo sustentado pela estrutura simbólica, que o mantém numa certa circulação na rede significante, podendo ser concebido no circuito entre a mensagem e o Outro, como aquele que metonimicamente se desloca na cadeia significante, em constante movimento, ao estabelecer um circuito em torno da “Coisa”.

Para Lacan (1998/1960), “o desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade” (p. 828), ou seja, a necessidade, ao se fazer significante, deixa um resto por se inscrever, não-traduzível em demanda, ficando sempre uma parte de fora, deixando, portanto, uma falha, um resto por se satisfazer, que move a economia psíquica. Daí, o desejo ser definido como a necessidade menos a demanda ( $d = N-D$ ).

Desse modo, o mundo no qual o sujeito é incluído não é somente o ambiente onde se satisfazem as necessidades, mas é um mundo onde impera a fala, que submete o desejo de cada um à lei do desejo do Outro. E a primeira experiência que a criança tem do Outro é com a mãe,<sup>7</sup> seu objeto primordial.

No grafo, inicialmente, a linha do discurso conta com um estoque muito reduzido de significantes postos em ação, aos quais o sujeito articula alguma coisa. Isso se dá em dois planos: o da intenção, ainda confusa, do sujeito que dirige seu chamado ao Outro, mobilizando significantes ainda desordenados e pouco claros; e o do significante, que progride juntamente com a intenção até atingir os cruzamentos A e s(A), que produzem um efeito retroativo na frase que se fecha. De acordo com Lacan (1999/1957-1958), “a referência ao caráter tateante da utilização primordial da língua da criança encontra aqui sua plenitude” (p. 95).

O chamado da criança se depara com a existência da mãe como Outro, que produz uma mensagem, ou seja, o eu latente no discurso da criança vem constituir-se no nível do Outro encarnado pela mãe.

---

7 Não se trata necessariamente da mãe biológica, mas daquele que primeiramente se ocupa não só dos cuidados com a criança, mas de encarnar para ela o campo do Outro, conferindo-lhe alguma significação e um lugar no seu desejo.

É na medida em que, como Outro, ela articula o objeto de seu desejo que se produz em  $s(A)$  uma mensagem para a criança e, no nível me-tonímico, efetua-se a identificação da criança com o objeto do desejo materno (como falo imaginário) numa tentativa de sê-lo.

A criança, então, localiza-se como objeto do desejo da mãe e, como consequência, ela é submetida a uma primeira lei, a lei da mãe, que se constitui no fato de a mãe ser um ser falante, o que basta para dizer de uma lei. Porém, esta não é controlada e se sustenta no bem-querer ou mal-querer da mãe, de modo que a criança se esboça como “*assujeito*” (grifos do autor) (Lacan, 1999/1957-1958, p. 195), já que a princípio ela experimenta a si mesma como profundamente assujeitada ao capricho daquele de que depende.

Como questiona Lacan (1999/1957-1958), o que é necessário para que o sujeito possa ler, para além da relação dual imagem à imagem, o que o Outro deseja de diferente dele? É preciso que exista um para além da mãe, do qual ela dependa e que lhe permita certo acesso ao objeto de seu desejo, designado falo, e em torno do qual circula a dialética da relação de objeto, tal como é vivenciada pela criança na entrada no complexo de Édipo, que, conforme Lacan (1999/1957-1958), podemos estruturar em três tempos lógicos.

No primeiro tempo, que coincide com o terceiro tempo do estágio do espelho, o que a criança busca é poder satisfazer o desejo da mãe, ou seja, *ser* ou *não ser* o objeto do desejo dela. A criança introduz sua intenção nessa direção e, numa relação de captura imaginária, se identifica especularmente com aquilo que é o objeto do desejo da mãe. No circuito imaginário, dois pontos se articulam: o *moi*<sup>8</sup> (representado no grafo do desejo por  $m$ ) e aquele que é o seu outro (representado no grafo por  $i(a)$ , imagem do outro), com o qual a criança se identifica. Essa articulação é figurada no grafo pelo vetor  $i(a) \rightarrow m$ , que da imagem especular vai até a constituição do eu. A identificação da criança com a imagem do outro possibilita a constituição do eu e a colocação deste

---

8 *Moi* é uma expressão em francês utilizada por Lacan para designar o eu consciente, constituído a partir da imagem especular, ou imagem do outro –  $i(a)$ .

na posição de objeto satisfatório para a mãe, ou seja, na posição de “ser o falo”.

Há, assim, um desejo de desejo, uma relação não com a mãe, objeto primordial, mas com seu desejo. “Como conceber que a criança que tem o desejo de ser o objeto do desejo de sua mãe atinja satisfação? Evidentemente, não há outro meio senão surgir do lugar do objeto do desejo dela” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 207). Portanto, a relação com a mãe não é constituída de satisfações e frustrações, mas de uma descoberta do desejo dela e do objeto ao qual ele se liga. Advém, desse modo, a função privilegiada do falo e a evidência de que, antes mesmo que a linguagem seja elaborada no plano motor, no plano auditivo ou mesmo no âmbito da compreensão, já há simbolização.

A criança não tem ligação apenas com o objeto que a satisfaz ou não. Já existe um referenciamento triangular, uma vez que ela mantém relação não com aquilo que traz satisfação à necessidade, mas, como citado, sua ligação é com o desejo do sujeito materno que ela tem diante de si. Não é o objeto que ela situa, mas a si mesma ao se identificar ao falo, objeto imaginário do desejo da mãe.

No segundo “momento” do Édipo, a criança percebe que a mãe se dirige a um terceiro, ou seja, que seu desejo está voltado e submetido a um outro que não ela. O olhar da mãe, ao se direcionar a um terceiro, indica à criança que seu desejo está para além dela e que esse terceiro, que pode ser encarnado pelo pai, possui algo que a mãe não tem. Nesse contexto, a criança é levada a se questionar sobre o que quer dizer as idas e vindas da mãe:

O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o  $x$ , o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo (Lacan, 1999/1957-1958, p. 181).

Na medida em que o desejo da mãe se volta para o pai, a criança descobre que o desejo da mãe é submetido à instância paterna, reconhecendo a lei do pai como aquela que mediatiza de seu próprio desejo. A criança abandona a posição de ser o falo da mãe, e o pai se

presentifica como sendo ele próprio o falo, já que ainda não é suposto ter o falo. É assim que o desejo de “Outra coisa” faz sua entrada de maneira ainda difusa, permitindo à criança perceber que “há nela [a mãe] o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 188).

A criança se desliga de sua identificação imaginária com a mãe na medida em que esta é dependente de um objeto, que não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro *tem* ou *não tem*. A mãe é arremetida a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, o que faz com que o objeto do desejo da mãe seja soberanamente possuído por esse Outro, ao qual ela se dirige, conferindo-lhe um lugar junto ao seu desejo: “o pai entra em jogo, isso é certo, como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 193) e como portador do falo enquanto objeto de desejo da mãe, objeto metonímico que circula na cadeia significante.

Nesse segundo tempo do Édipo, a fala do pai intervém efetivamente no discurso da mãe. E, nesse discurso, o pai aparece menos velado do que na primeira etapa, mas não completamente revelado, já que intervém mediado pela mãe. O pai intervém a título de mensagem para a mãe e, conforme Lacan (1999/1957-1958), “essa mensagem não é simplesmente o *Não te deitarás com tua mãe*, já nessa época dirigido à criança, mas um *Não reintegrarás teu produto*, endereçado à mãe” (grifos do autor) (p. 209). Essa mensagem chega até A, onde o pai se manifesta como Outro<sup>9</sup>, abalando a criança em sua posição de *assujeito*, ou seja, “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe” (Lacan, 1999/1957-1958, p. 210).

---

9 É interessante destacar que, ao se referir ao pai como Outro, Lacan (1999/1957-1958) o ratifica como significante que instaura a legitimidade da lei do cogito. O pai representa no Outro o Outro que dá alcance a lei. Nesse sentido, podemos falar do pai como metáfora, como um significante que surge no lugar do significante materno, permitindo à criança ir além do desejo da mãe, o que possibilita uma metaforização do objeto, o que inclui uma metaforização de si mesma como esse objeto. Dimensão que será ainda abordada.

Ou ainda:

É na medida em que a criança é desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se, e na qual ela exerce a função de ser o objeto metonímico desta, que pode se estabelecer a terceira relação, a etapa seguinte, que é fecunda. Nela, com efeito, a criança torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai (Lacan, 1999/1957-1958, p. 210).

Dessa forma, o pai ascende do lugar de pai imaginário para o de pai simbólico ao ser investido como aquele que supostamente *tem* o falo, pai que se destaca no terceiro tempo do Édipo e do qual este depende para o seu “declínio” ou dissolução.

O encontro do sujeito com a lei do pai possibilita a identificação significativa, que resulta no surgimento do ideal do eu  $[I(A)]$ ,<sup>10</sup> tal como está representado no grafo pelo circuito  $\$ \rightarrow i(a) \rightarrow m \rightarrow I(A)$ . Há, então, uma identificação não mais à imagem, mas ao significativo, que vem traçar o Ideal que se apresenta ao eu, designando o que o sujeito prospecta para si, ângulo pelo qual ele almeja ser visto pelo Outro.

Na medida em que o pai intervém como proibidor, o objeto do desejo da mãe ganha uma dimensão simbólica como significativo da falta. Assim, a identificação da criança com o falo imaginário dá lugar à identificação com o pai, que intervém como personagem real. O eu do sujeito se torna ele mesmo um elemento significativo, e não só um elemento imaginário em sua relação com a mãe. E, conseqüentemente, porta uma dialética, uma mobilidade.

---

10 Vale ressaltar que a identificação significativa resulta não só no surgimento do ideal do eu, mas também possibilita o aparecimento do supereu, caracterizado por Freud (1989/1933[1932]) como “coerção externa internalizada” (p. 68), ou, ainda, “representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição” (Freud, 1989/1933[1932], p. 72). O supereu é responsável por “manter o ideal” (Freud, 1989/1933[1932], p. 72), exigindo pesadamente do sujeito. Assim, para Freud, o supereu se liga ao interdito e à moral paterna. Lacan (1985/1972-1973) acrescenta sua vertente de gozo: “O supereu é o imperativo de gozo - Goza!” (p. 11).

O sujeito, de objeto de desejo, passa a desejan-te, entrando na dialética do *ter* ou *não ter* o falo, o que possibilita a eleição dos mais variados objetos e a entrada na dinâmica do desejo, que, como já abordado, se dá pela via significante, presente antes do nascimento, mas estabelecida como lei e campo de possibilidades pela entrada em cena do Nome-do-Pai e do significante fálico, como significante da falta, que põe em movimento o desejo. É pelo que falta que o desejo pode fazer sua entrada, lançando o sujeito em uma indeterminação, já que o próprio sujeito falta como objeto total que poderia satisfazer a si mesmo e ao Outro – aqui encarnado na figura da mãe.

Há, portanto, um caráter decepcionante em qualquer aproximação do desejo, muito além da satisfação de uma dada aproximação particular. Tal decepção, que desvela o desencontro desse objeto com o que falta, se apresenta inabalável e constante toda vez que o sujeito se aproxima do objeto de sua miragem.

Assim, diante da castração do Outro materno, o sujeito é deslocado da posição de objeto do seu desejo, o que lhe permite voltar para o Outro a pergunta: “*Que quer dizer tudo isso?*” (grifos do autor) (Lacan, 1999/1957-1958, p. 103), interrogando-o a propósito do não-sentido. Há uma demanda, um apelo ao Outro, que este dê ao sujeito aquilo que supostamente lhe falta, a começar por uma resposta acerca do seu desejo. Desse encontro traumático com o Outro, surge uma questão: “*Che Vuoi?*” (Lacan, 1998/1960, p. 829) – Que queres?

Diante do enigmático desejo do Outro, o sujeito vê surgir o seu desejo, insaturável, que se liga aos mais diversos objetos. O sujeito, dividido pela linguagem, faz uma costura significante, que visa fazer borda ao vazio irremediável do objeto, de modo que ele se vê às voltas com esse objeto e com uma infinidade de substitutos, que se deslocam metonimicamente pela cadeia.

Conforme Lacan (2005/1962-1963) o objeto *a*, causa de desejo, é metonímico, traz algo do objeto perdido, mítico, mas não a sua totalidade, nunca corresponde a ele, mesmo porque é furo, vazio primordial. Nesse sentido, os objetos eleitos pelo sujeito, que para ele portam algum brilho fálico, se apresentam como uma tentativa de dar

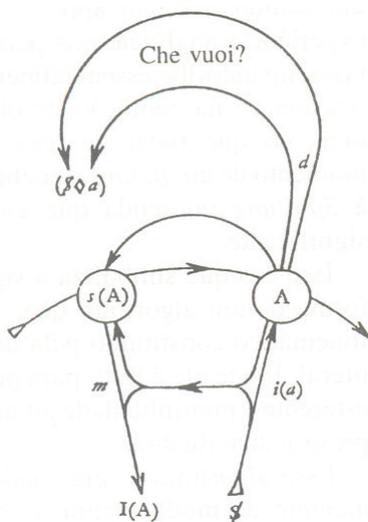
uma resposta ao desejo, de calá-lo, resgatando uma suposta completude. Porém, simultaneamente, eles presentificam a falta inerente a todo objeto e a todo “encontro” com o mesmo.

Lacan (1999/1957-1958) salienta que o advento de um sujeito desejante é “uma formação que se aliena desde o ponto de partida, na medida em que parte do Outro e, por essa vertente, leva ao que é de certo modo desejo do Outro” (p. 100). Não há meio de uma mensagem partir senão do Outro, uma vez que ela é feita de uma língua que vem dele, sendo reflexo deste, mesmo quando parte do sujeito. Lacan (1998/1960) nos assegura que é “como desejo do Outro que o desejo humano toma forma” (p. 828). Esse desejo nunca pode ser todo dito, guarda uma opacidade fundamental, podendo apenas se apresentar metonimicamente pela demanda de alguma coisa, que, no exato momento que se demanda, já está em outro lugar. O desconhecimento e a equivocação são características inerentes à linguagem.

Na tentativa de responder ao enigma do desejo do Outro e, logo, do seu, o sujeito constrói uma fantasia, indicada pelo matema  $f: (\$ \Delta a)$ . A fantasia designa a tessitura significativa que cada sujeito estabelece na sua junção e/ou disjunção aos objetos que causam seu desejo, fantasia que, ao conferir um rosto ao objeto do desejo, é via pela qual o sujeito “se defende contra esse desamparo” (Lacan, 2002/1958-1959, p. 29). A questão lançada pelo sujeito ao Outro, assim como suas consequências, é evidenciada por Lacan no grafo que se segue, retirado dos *Escritos*:

Diante da interrogação erigida pelo sujeito, o Outro responde com um vazio: ele não tem a resposta. Isso porque, como ressalta Lacan (1998/1960), “não há Outro do Outro” (p. 827), nem metalinguagem. Qualquer enunciado sustentado no Outro não tem nada que o assegure, exceto a própria enunciação. Não há nada que garanta uma verdade ao Outro. Portanto, não há lei em si mais do que aquele que dela se autoriza.

Logo, o Outro também é faltoso, tendo em seu seio um buraco, uma ausência de objeto. A falta no Outro, indicada pela barra que re-

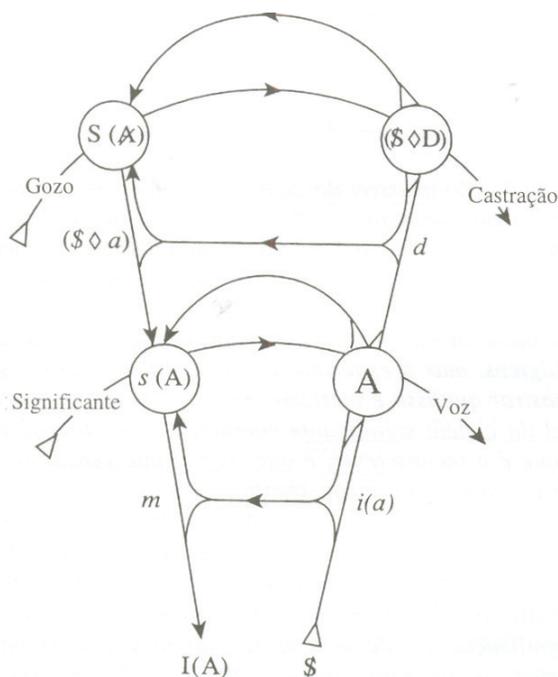


(Lacan, 1998/1960, p. 829).

cai sobre ele,  $A$ , possibilita que o sujeito possa se constituir, lançando uma questão a partir desse encontro faltoso, indicada no grafo pela interrogação que se abre diante do encontro do sujeito com o Outro ( $A$ ) e do posterior advento do desejo ( $d$ ). Este se manifesta como desejo de saber o que o Outro quer de mim, resultando na construção de uma rede de significantes que contornam o objeto –ou melhor, o vazio deixado pela queda desse objeto–, e se constituindo como um saber inconsciente ( $\$ \phi a$ ), que rege a vida do sujeito. Desse modo, a barra que recai sobre o Outro,  $A$ , recai também sobre o sujeito,  $\$$ .

No grafo reproduzido a seguir, retirado dos *Escritos* (Lacan, 1998/1960), Lacan, acrescenta  $S(A)$ , significante que falta no Outro –primeiro ponto de interseção entre o gozo e o significante– inerente à função do Outro enquanto tesouro dos significantes. Esse significante que falta ao Outro lhe confere inconsistência, isso porque o campo do significante penetrado pelo gozo se torna inconsistente, é perfurado.

É interessante pontuar que, no grafo, logo depois do  $S(A)$ , encontramos o matema da fantasia, o que esclarece que a função dela é servir de anteparo para ocultar a inconsistência do Outro, fazen-



(Lacan, 1998/1960, p. 831).

do surgir  $s(A)$  como efeito de significação, produzida pelo texto da fantasia, e formando um contexto por meio do qual percebemos o mundo como consistente e dotado de sentido. Ao ser convocado (*Che voui?*) a responder qual o valor desse tesouro, o Outro se depara com a verdade da pulsão em sua parcialidade de objeto e seu caráter não-significante, evidenciando o que já foi postulado, que “não há Outro do Outro”. Diante da questão “o que quer o Outro de mim?” (Lacan, 1998/1960, p. 833), nenhuma verdade se presta a ser encontrada, pois ela não está em lugar algum, não há garantias de verdade na falta de objeto que aí figura, há apenas uma parcialidade, o que marcará a concepção de verdade em psicanálise como parcial e insuportável ao sujeito.

Lacan (1998/1960) afere que o sujeito dirige a pergunta ao Outro e dele espera um oráculo, mas a pergunta lhe retorna: “*Che voui?* –

que quer você?” (p. 829), sendo essa a pergunta que melhor o conduz ao caminho de seu próprio desejo.

O Outro, ao responder com um vazio, comparece como castrado, como alguém da suposta satisfação total, instaurando para o sujeito um além do significante que se vincula à Coisa, e possibilita uma satisfação paradoxal, marcada pela parcialidade do gozo. Zizek (1992) salienta que:

[...] o gozo é aquele que não pode ser simbolizado, sua presença no campo do significante só pode ser detectada pelos furos e faltas de consistência desse campo; o único significante passível de gozo é, pois, o significante da falta no Outro, o significante da sua inconsistência (p. 120).

Zizek (1992) destaca ainda que, nessa última forma do grafo, o vetor do gozo corta o vetor do desejo, estruturado pelo significante, de modo que o corpo, como gozo materializado, encarnado, é apreendido na rede significante, sendo, então, mortificado, esvaziado em seu gozo. Nesse contexto, o sujeito se dá conta da castração do Outro e, logo, de sua própria castração, já que ali figura uma ausência de objeto que responda ao desejo e que ofereça uma suposta completude. Nesse sentido, o gozo absoluto está vedado e velado a todo sujeito que fala, a todo aquele que está sujeito à lei, já que esta se funda justamente na proibição desse gozo. Para Lacan (1998/1960), “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo” (p. 841), ou seja, a renúncia ao gozo absoluto abre vias, como suplência, ao gozo regrado pela lei.

## Referências bibliográficas

- Fernandes, L. R. (2000). *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1989/1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras completas*. Vol. 14. (81-108). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1989/1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras completas*. Vol. 1. (335-454). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1989/1933 [1932]). A dissecção da personalidade psíquica. In *Obras completas*. Vol. 22. (63-84). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1985/1972-1973). *O Seminário, livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1992/1954-1955). *O Seminário, livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (96-103). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão Freud. In *Escritos* (496-533). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1959-1960). *O Seminário, livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (807-842). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1964[1960]). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In *Escritos* (843-864). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998/1964). *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1999/1955-1956). *O Seminário, livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1999/1957-1958). *O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (2002/1958-1959). *O Seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação*. Publicação não comercial. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Lacan, J. (2005/1962-1963). *O Seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Saussure, F. (2004). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Zizek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

**Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /**

**Para citar este artigo (APA):**

Martins-Sirelli, Nilda. (2015). Sujeito e Outro: A via do desejo. *Revista Affectio Societatis* 13(25), 145-169. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>